

OS IMPACTOS DA ABERTURA COMERCIAL BRASILEIRA SOBRE A VITIVINICULTURA GAÚCHA – 1980/1997

José Ricardo Libardoni dos Santos*

Resumo – A abertura da economia brasileira ao exterior, implementada no início dos anos 90, foi marcada pela unilateralidade e por reduções drásticas e repentinas nas alíquotas de importação de um grande número de mercadorias. Esse tipo de postura desembocou em um incremento significativo nas importações de produtos vitivinícolas, o que significou a diminuição da produção doméstica de uvas, da área vitícola plantada e do volume comercializado de vinhos e derivados.

Palavras-chave: abertura comercial; vitivinicultura.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar o comportamento do setor vitivinicultor do Rio Grande do Sul após o processo de abertura da economia brasileira ao exterior.

O marco inicial do processo de abertura comercial ocorre principalmente a partir de 1990, quando acontecem reduções drásticas e repentinas nas tarifas de importações de praticamente todos os produtos.

Tal atitude trouxe graves conseqüências aos setores industrial e agropecuário nacional, que passaram a enfrentar a concorrência de produtos advindos de outras regiões do planeta, sem terem tido tempo para preparar-se suficientemente, além de contribuir para aumentar ainda mais a subordinação aos interesses estrangeiros, principalmente em relação aos Estados Unidos.

* Mestre em Economia. Professor do Departamento de Estudos Econômicos e Administrativos da UNICRUZ e Professor Substituto do Departamento de Ciências Econômicas da UFSM.

No período definido para a realização da pesquisa (1980-1997), dois eventos importantes causaram impacto no setor agrícola brasileiro: a assinatura dos acordos da Rodada Uruguai do GATT (1986-1994) e a assinatura do Tratado de Assunção que tornou efetivo o Mercosul (1991-94).

Quanto ao primeiro acordo, seria a primeira vez que os países centrais, principalmente com a iniciativa dos Estados Unidos, aceitariam discutir uma política agrícola comum¹ para todas as regiões do planeta. O que se viu na prática, no entanto, foi que a maioria das propostas contidas no acordo ou não foram cumpridas ou foram regulamentadas apenas parcialmente. Isto ocorreu porque os países centrais persistiam na manutenção de mecanismos² que visavam manter as restrições aos produtos agrícolas vindos de outras regiões.

Porém seria a partir de janeiro de 1994, com a consolidação do Mercosul, que viriam a ser alteradas significativamente as relações comerciais externas brasileiras. Apesar de mantidas algumas restrições tarifárias, principalmente para os produtos manufaturados, as tarifas de importações de praticamente todos os produtos agropecuários produzidos dentro do bloco, composto atualmente por Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai e, em caráter excepcional, Chile e Bolívia, foram reduzidas a zero ou ficaram muito próximas a isso.

Repentinamente o setor agrícola nacional, em especial as regiões geograficamente próximas aos países integrados, seria empurrado à concorrência com produtos oriundos de países com

¹ Além da criação de uma política agrícola comum entre os países, a Rodada Uruguai do GATT (realizada em Punta D'el Este no Uruguai) se propunha a discutir outras questões, como, por exemplo, regras multilaterais para proteção dos direitos intelectuais, o comércio em serviços, computação, comunicação, etc.

² Tais como a criação das chamadas barreiras não-tarifárias (barreiras técnicas e sanitárias, normas de procedimentos alfandegários, quotas, etc.).

diferenciais significativos de qualidade e produtividade, como é o caso, principalmente, da Argentina e do Uruguai.

Além do mais, no caso do Mercosul, por questões puramente políticas, houve uma antecipação do prazo para o início do processo de integração. A consolidação dos acordos tarifários, originalmente previstos para o início de 1998, foram colocados em prática quatro anos antes, em janeiro de 1994, trazendo dificuldades adicionais para determinados setores dos países envolvidos.

Além da Rodada Uruguai do GATT e do Mercosul, poderia ser citada ainda a implantação do Plano Real, a partir de julho de 1994, como um terceiro evento importante ao processo de abertura comercial. Isso ocorre porque, com o intuito de evitar a pressão dos preços internos, o governo utilizou-se de dois instrumentos de política econômica que iriam afetar significativamente a competitividade dos produtos nacionais: a diminuição das alíquotas de importação e a sobrevalorização da moeda nacional em relação ao dólar norte-americano.

Os reflexos da adoção dessas medidas atingiram fortemente o saldo da balança comercial brasileira que passou, sobretudo a partir de janeiro de 1995, a apresentar déficits sucessivos. A queda nos coeficientes de exportação acabou mais uma vez penalizando o setor agrícola nacional.

Nesse contexto, tendo em vista as características do setor agrícola brasileiro e, em especial, o do Rio Grande do Sul, era de supor que uma abertura comercial desordenada poderia atingir significativamente as relações econômicas locais, uma vez que a estrutura produtiva desta região possui similaridades bastante significativas em comparação com os demais países do bloco.

Além do mais, o Rio Grande do Sul é um estado com importante potencial agropecuário, com predomínio da agricultura familiar. O setor primário é o pólo dinâmico da economia, o que

permite concluir que modificações ocorridas no setor agrícola podem alterar significativamente a organização econômica local³.

Dessa forma, dadas as características apresentadas pela região, pode-se argumentar que o processo de abertura comercial, principalmente no que se refere ao setor agrícola, está atingindo significativamente as relações comerciais locais, uma vez que as especificidades da agricultura mundial, caracterizada por níveis distintos de protecionismo e produtividade entre os países, são desconsideradas no momento em que os produtos agrícolas são confrontados em um processo de livre concorrência.

O setor vitivinicultor, localizado na região da serra do Rio Grande do Sul, foi escolhido pelo fato de apresentar certas peculiaridades julgadas importantes. Em primeiro lugar, é um setor que apresenta um potencial econômico bastante significativo, tanto na economia regional quanto nacional, pois foi responsável por 60% da área vitícola nacional em 1997 e por 90% da produção de vinhos no Brasil, na média de 1982/1991.

Em segundo lugar, é responsável pela manutenção de uma imensa cadeia agroindustrial que engloba cerca de 45 municípios, uma área total de 24.000 hectares plantada com videiras e concentra mais de 400 cantinas e 24 cooperativas vinícolas.

Além disso, é uma região de colonização italiana, onde cerca de 13 mil famílias com pequenas propriedades rurais dependem principalmente da produção da uva para seu sustento. Para essas famílias, o cultivo da uva tornou-se a única alternativa de sobrevivência, por ser uma cultura tradicional, passada de pai para filho, e o aproveitamento dessa mão-de-obra não poderia ser deslocado a outros setores sem um custo social bastante elevado.

³Existe ainda o fato deste estado possuir uma proximidade muito grande com os países do bloco e também possuir uma forte orientação exportadora de produtos do setor agrícola, o que caracteriza uma maior vulnerabilidade frente às mudanças nas políticas alfandegárias para esse setor.

Outra questão importante é o fato de o setor vitivinícola ter sido, até o início da década de 90, protegido contra a concorrência externa através de mecanismos de restrições alfandegárias para os vinhos provenientes de outros países, o que lhes garantia praticamente o monopólio da venda interna desse produto. A partir principalmente de 1990, essa situação se altera significativamente, e o setor passa a enfrentar repentinamente a concorrência internacional indiscriminada de vinhos com preços inferiores aos praticados internamente.

No caso do Mercosul, estudos indicam a superioridade dos vinhos produzidos pela Argentina (vinhos comuns) e pelo Chile (vinhos finos), uma vez que esses países apresentam diferenciais significativos de qualidade e produtividade quando comparados com os similares brasileiros. Em relação à Europa, países como França, Itália, Alemanha, Espanha e Portugal aparecem como grandes produtores e exportadores mundiais, o que indica uma séria ameaça à produção interna. E isso é mais sério ainda quando se sabe que esses países vêm apresentando, historicamente, problemas de excedentes crônicos.

O período de análise (1980-1997) foi definido em virtude dos diversos autores consultados, consideram que o processo de liberalização comercial brasileiro tenha iniciado de maneira expressiva a partir de 1990.

Portanto, a análise terá início em 1980, com o intuito de observar com mais clareza o comportamento do setor tanto em um período em que existiam mecanismos de proteção ao setor, ou seja, em um período anterior ao início do processo de abertura comercial (1980-1989), quanto em um período posterior (1990-1997), em que caíram significativamente as alíquotas de importação para todos os produtos.

Para medir o impacto da abertura comercial brasileira sobre a vitivinicultura do Rio Grande do Sul propriamente dita, serão analisadas variáveis como área plantada com videiras, produção de uvas, comercialização de vinhos e derivados e quantidades e valores vitivinícolas exportados e importados pelo Brasil durante o período.

2 Impactos sobre a área plantada com videiras e produção de uvas

O comportamento da área plantada com videiras apresentou uma tendência de crescimento entre 1980 e 1989, para depois iniciar um período de queda sistemática entre 1990 e 1997⁴.

Uma idéia bastante precisa sobre a mudança de comportamento da área plantada com videiras pode ser obtida através da análise das taxas de crescimento anuais colocadas na Tabela 1. Enquanto no primeiro período, ou seja, entre 1980 e 1989, a área apresentou uma taxa de crescimento anual positiva da ordem de 0,52%, ou 224,82 hectares, no segundo, ou seja, entre 1990 e 1997, a taxa anual foi negativa em -1,40%, o que corresponde a uma diminuição anual de cerca de 686 hectares.

Em relação à produção de uvas, os números indicam uma situação semelhante à ocorrida com a área plantada. Entre 1980 e 1989, observa-se uma trajetória ascendente, situação que se modifica entre 1990 e 1997, quando a trajetória passa a ser declinante. No primeiro período, a produção cresceu a uma taxa anual de 3,51%, ou 18.199 toneladas. No segundo período, a taxa foi negativa em -1,26%, o que correspondeu a uma queda anual de 9.684 toneladas (ver Tabela 1).

Isso indica que, a partir de 1990, ou seja, no ano em que passa a haver um acirramento do processo de abertura da economia

⁴ Elaboração própria a partir dos dados do IBGE

brasileira ao exterior, observa-se uma mudança significativa no comportamento da área plantada com videiras e a produção de uvas no Rio Grande do Sul, sendo que ambas passam a apresentar uma trajetória de queda em seus respectivos volumes.

TABELA 1 – Taxas anuais de crescimento da área plantada com videiras e da produção de uvas – Rio Grande do Sul

Período	Área plantada em hectares ⁽¹⁾				Produção em toneladas ⁽¹⁾			
	Em %		Em hectares		Em %		Em toneladas	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-1997	-0,16	0,23	-97,62	0,13	1,46	0,00	6.987	0,05
1980-1989	0,52	0,00	224,82	0,00	3,51	0,00	18.199	0,06
1990-1997	-1,40	0,00	-686,06	0,00	-1,26	0,16	-9.684	0,30

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE.

(1) Para percentuais, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae^{rt}$. Para hectares e toneladas, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae$.

3 Impactos sobre a comercialização de vinhos e derivados

Por razões metodológicas, ao invés de utilizar a produção de vinhos para a análise, optou-se por usar a quantidade de vinho comercializado, com o intuito de amenizar os possíveis efeitos sazonais decorrentes da produção da uva sobre a produção de vinho. Além disso, o volume produzido em um determinado ano muitas vezes não é comercializado no mesmo período, com a possibilidade de armazenagem. Assim, um aumento ou uma queda na produção pode não refletir a necessidade do mercado naquele período.

As informações coletadas indicam uma tendência crescente no volume total comercializado de vinho e seus derivados, no período 1980/1997, embora se observe uma diminuição significativa no ritmo de crescimento entre 1990/1997, conforme deixa claro a análise da Tabela 2, onde estão destacadas as taxas anuais de crescimento.

Entre 1980/1989, a comercialização total cresceu a uma taxa de 1,65%, ou cerca de 6,2 milhões de litros. No período posterior, ou seja, entre 1990/1997, o volume comercializado cresceu a uma taxa anual próxima a zero, o que correspondeu a um volume de 1,3 milhões de litros (ver Tabela 2).

Em nível desagregado, os produtos que apresentaram um desempenho melhor no segundo período em relação ao primeiro, ou seja, na comparação entre 1980/1989 e 1990/1997, foram o filtrado doce, vinhos especiais, mistelas, suco concentrado⁵ e espumantes⁶. Por outro lado, os demais apresentaram queda, absoluta ou relativa, em seus respectivos volumes comercializados, no segundo período em comparação com o primeiro. Foi o caso principalmente do vinho comum e do vinho de viníferas, que juntos representaram, em 1997, cerca de 74% do volume total comercializado no Rio Grande do Sul (ver Tabela 2).

No primeiro período, ou seja, entre 1980/1989, o vinho comum, principal produto na pauta de comercialização, apresentou uma taxa anual de crescimento do volume comercializado da ordem de 0,21%, o que representou um incremento anual de cerca de 2,8 milhões de litros. Por outro lado, entre 1990/1997, aquela mesma taxa foi negativa em -1,73%, indicando uma queda anual de cerca de 2 milhões de litros (ver Tabela 2).

O vinho de viníferas, por sua vez, apresentou uma queda relativa significativa na comparação entre os dois períodos. Entre 1980/1989, o volume comercializado do produto cresceu a uma taxa anual de 7,09%, ou cerca de 2,9 milhões de litros. Entre 1990/1997, a taxa foi de 1,25%, ou cerca de 0,9 milhões de litros (ver Tabela 2).

⁵O suco concentrado, apesar de apresentar uma queda relativa em termos percentuais, apresentou um crescimento no volume comercializado em litros.

⁶Os vinhos espumantes apresentaram uma queda absoluta superior na taxa em comparação com o volume absoluto em litros.

Tabela 2 – Taxas anuais de crescimento da comercialização de vinhos e derivados – Rio Grande do Sul

período	Produtos ⁽¹⁾							
	Vinho Comum				Vinho Especial			
	Em %		Em litros		Em %		Em litros	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-97	0,43	0,35	1.335.812	0,24	-13,32	0,00	-445.796	0,00
1980-89	0,21	0,87	2.790.799	0,40	-15,98	0,00	-780.059	0,00
1990-97	-1,73	0,13	-2.059.872	0,47	-1,53	0,51	-40.645	0,47
	Vinho de Viníferas				Espumantes			
	Em %		Em litros		Em %		Em litros	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Significan
	1980-97	2,78	0,00	1.091.628	0,00	-40,12	0,00	-231.853
1980-89	7,09	0,00	2.865.124	0,00	-4,20	0,30	-74.505	0,48
1990-97	1,25	0,23	897.000	0,20	-58,28	0,00	-53.888	0,03
	Filtrado Doce				Mistelas			
	Em %		Em litros		Em %		Em litros	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
	1980-97	6,79	0,00	444.276	0,00	-2,43	0,71	-113.810
1980-89	6,14	0,00	290.340	0,00	-43,79	0,00	-462.612	0,00
1990-97	7,61	0,00	600.384	0,04	-11,37	0,44	79.458	0,53
	Suco de Uvas				Suco Concentrado			
	Em %		Em litros		Em %		Em litros	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
	1980-97	1,68	0,02	57.002	0,26	9,23	0,00	652.085
1980-89	0,56	0,61	-19.026	0,83	10,43	0,00	421.489	0,00
1990-97	-3,79	0,13	-265.719	0,17	8,07	0,00	955.398	0,01
	Comercialização Total							
	Em %		Em litros		Em %		Em litros	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
	1980-97	1,29	0,00	3.918.772	0,00			
1980-89	1,65	0,15	6.253.658	0,11				
1990-97	-0,00035	0,97	1.316.836	0,74				

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de UVIBRA/EMBRAPA/CNPUV

⁽¹⁾Para percentuais, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae^{rt}$. Para litros, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae$.

Outro produto que apresentou queda expressiva em termos de volume comercializado foi o suco de uva. Entre 1980/1989, a taxa de crescimento foi positiva em 0,56%, embora o volume em litros tenha apresentado uma queda anual de cerca de 19.000 litros. Porém, entre 1990/1997, ocorre uma queda acentuada tanto em termos

percentuais quanto em litros, e a taxa foi de -3,79% e -265.719 litros, respectivamente (ver Tabela 2).

Isso indica que, a exemplo do que ocorreu com a área plantada e a produção de uvas, o volume comercializado com vinho e seus derivados apresentou, no geral, queda bastante expressiva a partir da abertura da economia brasileira ao exterior.

4 Impactos sobre as exportações

Devido à baixa capacidade produtiva vitivinícola interna, as exportações brasileiras não apresentam números expressivos. Os principais produtos da pauta de exportação são o vinho de mesa e o suco de uva, que representaram, respectivamente, 54,29% e 33,27% da quantidade total exportada em 1997.

A análise da tendência da quantidade e do valor exportado no período 1980/1997 indicou uma trajetória ascendente durante todo o período, embora tenha havido uma aceleração a partir principalmente de 1989, quando o valor exportado anual ultrapassou a casa de 10 milhões de dólares. A partir desse ano, as exportações passam a variar em um patamar mais elevado, ultrapassando 40 milhões de dólares em 1993 e mantendo-se sempre próxima a 30 milhões de dólares nos anos subseqüentes.

O desempenho das exportações vitivinícolas brasileiras, em cada um dos períodos especificados para a realização da pesquisa, mostrou que, entre 1980/1989, as exportações cresceram a uma taxa anual de 13,38%, ou 828.289 litros em quantidade e 15,79%, ou 1.010.842 dólares em valor. Entre 1990/1997, a taxa anual de crescimento foi de 14,31%, ou 2.373.749 litros em quantidade e 12,08 % ou 2.682.610 dólares em valor(ver Tabela 3). Para efeito de informação, as exportações vitivinícolas brasileiras totais em litros representaram cerca de 9% do total comercializado com vinhos e derivados no Rio Grande do Sul, em 1997.

Isso indica que, apesar de as taxas percentuais terem aumentado pouco entre 1990/1997 em relação a 1980/1989, como é o caso das quantidades totais, ou caído relativamente, como é o caso dos valores totais, a variação absoluta foi significativa, uma vez que a taxa de crescimento anual da quantidade exportada em litros aumentou cerca de 186%, na comparação do segundo período com o primeiro.

Em termos de valor exportado, a taxa de crescimento anual aumentou 165% entre 1990/1997, quando comparado com 1980/1989 (ver Tabela 3). Além disso, enquanto no primeiro período, as quantidades das exportações vitivinícolas totais representaram, em média, 2,80% da comercialização total do Rio Grande do Sul, no segundo, aquela média foi de 8,70%.

No entanto, o maior dinamismo das exportações vitivinícolas brasileiras observado entre 1990/1997 se deveu quase que exclusivamente ao significativo crescimento das exportações de vinhos de mesa. Entre 1980/1989, a quantidade exportada em litros cresceu a uma taxa anual de 15,29%, ou 200.070 litros, e o valor exportado, a uma taxa de 21,75%, ou 245.143 dólares. Entre 1990/1997, a taxa de crescimento anual da quantidade exportada foi de 23,17%, ou 1.917.177 litros e a taxa de crescimento do valor exportado foi de 22,09%, ou 1.936.236 dólares (ver Tabela 3).

Outro produto que contribuiu para o bom desempenho das exportações, só que de maneira quase inexpressiva, foram os vinhos espumantes, uma vez que apresentaram, entre 1990/1997, um amortecimento na queda de suas respectivas taxas de crescimento (ver Tabela 3).

Os demais produtos da pauta exportação, no caso das uvas frescas e do suco de uvas, apresentaram queda relativa em suas respectivas quantidades e valores exportados no segundo período em comparação com o primeiro.

Tabela 3 – Taxas anuais de crescimento das exportações vitivinícolas. Quantidades em litros e quilogramas e valores em US\$ correntes - Brasil

Período	Produtos ⁽¹⁾								
	Uvas Frescas								
	Em %				Variação absoluta				
	Quantidade (em kg.)		Valor		Quantidade (em kg.)		Valor		
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
1980-97	18,14	0,00	19,21	0,00	425.941	0,00	564.147	0,00	
1980-89	21,36	0,00	17,85	0,00	273.687	0,00	250.495	0,01	
1980-97	12,58	0,20	11,68	0,16	187.184	0,75	241.300	0,71	
	Suco de Uvas								
	Em %				Variação absoluta				
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor		
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
	1980-97	7,31	0,00	8,53	0,00	348.347	0,00	577.968	0,00
1980-89	10,61	0,00	13,93	0,00	357.571	0,00	517.358	0,00	
1980-97	2,88	0,44	7,83	0,07	271.296	0,52	505.691	0,37	
	Vinhos Espumantes								
	Em %				Variação absoluta				
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor		
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
	1980-97	-1,90	0,58	-1,72	0,56	-1.070	0,31	-1.189	0,45
1980-89	-12,39	0,17	-8,37	0,31	-3.041	0,30	-2.155	0,62	
1990-97	-11,13	0,30	-2,73	0,78	-1.908	0,58	-621	0,91	
	Vinhos de Mesa								
	Em %				Variação absoluta				
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor		
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
	1980-97	22,42	0,00	26,51	0,00	1.049.567	0,00	1.016.109	0,00
1980-89	15,29	0,01	21,75	0,01	200.070	0,20	245.143	0,10	
1990-97	23,17	0,00	22,09	0,00	1.917.177	0,03	1.936.236	0,00	
	Total								
	Em %				Variação absoluta				
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor		
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
	1980-97	14,92	0,00	16,49	0,00	1.822.786	0,00	2.157.036	0,00
1980-89	13,38	0,00	15,79	0,00	828.289	0,00	1.010.842	0,00	
1990-97	14,31	0,04	12,08	0,04	2.373.749	0,15	2.682.610	0,04	

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de UVIBRA/ EMBRAPA/CNPUV.

⁽¹⁾Para percentuais, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae^{rt}$. Para a variação absoluta, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae$.

Isso indica que se, por um lado, a queda nas restrições tarifárias a partir de 1990 contribuíram para a alavancagem das exportações vitivinícolas brasileiras totais, através do expressivo aumento das exportações de vinhos de mesa, por outro, contribuíram para diminuir o ritmo da expansão das exportações de uvas frescas e suco de uvas.

5 Impactos sobre as importações

Conforme já foi apresentado anteriormente, a principal característica do processo de abertura da economia brasileira foram as quedas repentinas e indiscriminadas nas restrições tarifárias para praticamente todos os produtos a partir do início dos anos 90. Esse tipo de postura desembocou em um aumento expressivo no volume das importações nacionais de uma ampla gama de produtos.

No caso específico do setor vitivinicultor, a situação não foi diferente da ocorrida com os outros setores, uma vez que, conforme mostram os dados, as importações totais cresceram significativamente a partir principalmente de 1989, embora tenham apresentado uma ligeira queda no ano de 1992. Em 1994, o valor importado anual ultrapassou a casa dos 60 milhões dólares, chegando a um patamar superior a 100 milhões de dólares em 1997, indicando um salto significativo em relação ao período 1980/1989.

A tendência demonstra claramente a aceleração das importações totais a partir de 1989. Até o ano de 1986, a trajetória era declinante, apresentando uma ligeira recuperação até 1989, para, posteriormente, iniciar um ciclo de crescimento expansivo significativo.

Na comparação entre os períodos 1980/1989 e 1990/1997, observa-se uma modificação realmente significativa. No primeiro período, as quantidades totais importadas cresceram a uma taxa anual de 13,32%, ou 2.122.430 litros, e os valores totais, 10,79% ou 1.701.831 dólares. No segundo período, as quantidades totais

criaram a uma taxa anual de 20,59%, ou 9.607.632 litros, e os valores, 19,11%, ou 11.943.134 dólares (ver Tabela 4).

Isso indica que as importações vitivinícolas cresceram cerca de 356% em litros e cerca de 600% em valor na comparação das taxas de crescimento anual do período 1990/1997 com o período 1980/1989. Vale destacar que o volume vitivinícola importado brasileiro em litros, em 1997, correspondeu a cerca de 22% do total comercializado com vinhos e derivados neste mesmo ano, no Rio Grande do Sul.

Em nível desagregado, houve aumento nas importações de todos os produtos, conforme demonstram as taxas anuais de crescimento colocadas na Tabela 4. Os vinhos de mesa passaram de uma taxa de crescimento anual da ordem de 9,73%, ou 505.209 dólares, entre 1980/1989, para uma taxa de 23,26%, ou 5.847.133 dólares, entre 1990/1997. Os vinhos espumantes passaram de uma taxa de crescimento anual de 5,66%, ou 30.891 dólares, para uma taxa de 34,41%, ou 1.013.821 dólares (ver Tabela 4).

As uvas frescas e as uvas passas também apresentaram modificações importantes em suas respectivas taxas de crescimento anuais. A primeira apresentou uma taxa de crescimento de 15,99%, ou 548.077 dólares, entre 1980/1989, e uma taxa de 16,66%, ou 3.029.426 dólares, entre 1990/1997. O valor importado com uvas passa cresceu a uma taxa anual de 9,29%, ou 617.654 dólares, entre 1980/1989, e uma taxa de 11,70%, ou 2.052.775 dólares, entre 1990/1997 (ver Tabela 4).

Essas informações indicam um crescimento extremamente significativo nas importações vitivinícolas nacionais entre 1990/1997, ou seja, no período em que se consolidou o processo de abertura da economia brasileira ao exterior. Comparadas com as exportações, pode-se perceber que as importações apresentaram um crescimento absoluto infinitamente superior, tanto em termos de quantidade,

quanto em termos de valor, conforme mostram as taxas de crescimento anuais.

Uma idéia sobre a mudança de comportamento na relação entre as importações e exportações pode ser obtida através da análise dos coeficientes de correlação entre ambas. Entre 1980/1989, os coeficientes entre quantidade exportada e quantidade importada foi de 0,89 e entre valor exportado e valor importado foi de 0,85. Já em 1990/1997, os coeficientes apresentaram alterações significativas, e a taxa entre quantidade exportada e quantidade importada cai para 0,14 e entre valor exportado e valor importado cai para 0,44⁷. Essas alterações podem ser explicadas pelo crescimento superior das importações em relação às exportações no segundo período em comparação com o primeiro.

Outro fato que corrobora essa afirmativa é que a facilidade de adquirir vinhos e derivados no exterior fez com que o consumo *per capita* nacional de vinhos importados aumentasse significativamente, passando de 0,04 litros em 1990 para 0,15 litros em 1995, ou seja, quase cinco vezes mais. Neste mesmo período, o consumo de vinhos nacionais se manteve praticamente estagnado (UVIBRA/EMBRAPA-CNPUV).

Outra observação que pode ser feita é no sentido de que o aumento nas importações vitivinícolas brasileiras refletiram negativamente sobre as variáveis analisadas anteriormente, uma vez que, enquanto houve um crescimento significativo no volume importado em nível nacional, observaram-se quedas importantes na área plantada com videiras, no processamento de uvas e na comercialização de vinhos e derivados no Rio Grande do Sul. A relação entre a quantidade vitivinícola importada e o volume comercializado neste estado quase triplicou, passando de 6,16%, na média 1980/1989, para 18,43%, entre 1990/1997.

⁷Cálculos próprios.

Tabela 4 – Taxas anuais de crescimento das importações vitivinícolas. Quantidades em litros e quilogramas e valores em US\$ correntes - Brasil

Período	Produtos ⁽¹⁾							
	Vinhos de Mesa							
	Em %				Variação absoluta			
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor	
Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	
1980-97	13,05	0,00	17,59	0,00	1.264.909	0,00	2.538.766	0,00
1980-89	9,37	0,00	9,73	0,13	388.612	0,08	505.209	0,26
1990-97	23,07	0,00	23,26	0,00	3.099.294	0,00	5.847.133	0,00
	Vinhos Espumantes							
	Em %				Variação absoluta			
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-97	3,66	0,16	15,34	0,00	33.446	0,01	297.966	0,00
1980-89	-3,70	0,18	5,66	0,02	323	0,98	30.891	0,12
1990-97	31,09	0,00	34,41	0,00	151.211	0,00	1.013.821	0,01
	Uvas Frescas							
	Em %				Variação absoluta			
	Quantidade (em kg.)		Valor		Quantidade (em kg.)		Valor	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-97	18,94	0,00	18,85	0,00	1.758.153	0,00	1.328.755	0,00
1980-89	17,30	0,05	15,99	0,09	754.743	0,06	548.077	0,08
1990-97	19,86	0,13	16,66	0,13	4.219.068	0,13	3.029.406	0,04
	Uvas Passas							
	Em %				Variação absoluta			
	Quantidade(em kg.)		Valor		Quantidade(em kg.)		Valor	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-97	11,69	0,00	9,09	0,00	1.057.157	0,00	900.933	0,00
1980-89	14,39	0,00	9,29	0,01	978.752	0,00	617.654	0,05
1990-97	18,37	0,01	11,70	0,00	2.138.060	0,01	2.052.775	0,00
	Total ⁽²⁾							
	Em %				Variação Absoluta			
	Quantidade		Valor		Quantidade		Valor	
	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.	Taxa	Signific.
1980-97	13,93	0,00	14,84	0,00	4.113.665	0,00	5.066.420	0,00
1980-89	13,32	0,00	10,79	0,04	2.122.430	0,02	1.701.831	0,10
1990-97	20,59	0,00	19,11	0,00	9.607.632	0,02	11.943.134	0,00

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de UVIBRA/ EMBRAPA/CNPUV.

⁽¹⁾ Para percentuais, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae^{t}$. Para a variação absoluta, taxas anuais de crescimento calculadas segundo médias móveis trienais, com base no modelo $y=Ae$.

⁽²⁾ Inclui suco de uvas

6. Considerações Finais

A concorrência indiscriminada de mercadorias produzidas em seus países de origem em condições excepcionalmente mais favoráveis do que aquelas produzidas internamente tem contribuído sobremaneira para a desestabilização e até mesmo para a destruição de determinados setores internos da economia nacional e tem levado também ao agravamento das contas externas do país, refletido em déficits sucessivos na balança comercial.

Quanto à vitivinicultura brasileira, pode-se perceber a predominância do Rio Grande do Sul no cenário nacional, tanto no que se refere à área plantada com videiras, quanto na produção de vinhos e derivados. A produção de uvas é, por um lado, um tipo de cultura extremamente vulnerável, devido às adversidades das condições edafoclimáticas apresentadas na região e, por outro, representa uma importância sócioeconômica e cultural significativa no âmbito das microrregiões e da própria região em que está inserida.

As dificuldades no cultivo da videira e os problemas histórico-estruturais em diversos níveis apontam para uma maior vulnerabilidade da vitivinicultura gaúcha no cenário internacional, principalmente quando confrontada com os grandes centros produtores mundiais.

E a baixa competitividade da vitivinicultura gaúcha foi comprovada através da análise empírica das informações sobre o seu desempenho posterior ao processo de abertura da economia brasileira ao exterior. Após o início desse processo, que foi marcado por uma série de contradições, ocorreram diminuições importantes, seja em termos absolutos ou relativos, em variáveis como área plantada com videiras, produção e processamento de uvas e comercialização total.

No âmbito externo, observou-se um aumento significativo tanto pelo lado das exportações quanto pelo lado das importações, muito embora se tenha notado um dinamismo maior das últimas, tanto em termos absolutos quanto relativos, em relação às primeiras.

Isso demonstra que o crescimento significativo no volume importado nacional, proporcionado pela já mencionada queda nas restrições tarifárias, refletiu de maneira negativa sobre a vitivinicultura gaúcha, uma vez que todas as variáveis analisadas para o âmbito interno do setor apresentaram quedas importantes em termos absolutos ou relativos.

Além disso, a queda nos volumes agregados referente à vitivinicultura gaúcha foi uma contrapartida do aumento da participação no mercado vitivinícola nacional dos principais países produtores mundiais. Houve um aumento significativo das importações brasileiras de vinhos provenientes da Itália, França, Espanha, Portugal, Alemanha, Estados Unidos e Chile, confirmando a tese de que esses países mantêm a supremacia do mercado vitivinícola mundial.

Pôde-se constatar que a Argentina, ao contrário do que se esperava em função da sua relação privilegiada com o Brasil, no âmbito do Mercosul, diminuiu relativamente sua participação no mercado nacional, após o início do processo de abertura comercial.

As relações mercantis entre os diferentes países não levam, necessariamente, à harmonização de interesses, uma vez que historicamente o avanço das forças produtivas em nível internacional foi marcado por importantes assimetrias. Isso indica que a rapidez na implementação de um processo de liberalização de determinada economia pode prejudicar sensivelmente os setores que não possuem as condições necessárias ao enfrentamento da concorrência externa. E esse foi o caso da vitivinicultura gaúcha que, após o início do processo de abertura comercial, apresentou uma

mudança importante de comportamento, marcado por expressivas diminuições no volume de variáveis, como área plantada com videiras, produção de uvas e quantidade comercializada.

É importante destacar que acreditar na inexorabilidade do processo de globalização da economia mundial e na sua conseqüente e necessária desregulação dos mercados em todos os níveis, através da diminuição das atribuições do Estado, é desconhecer a realidade do comércio mundial. Os países desenvolvidos, ao contrário do que normalmente se acredita, vêm aumentando a participação estatal em vários setores de suas respectivas economias com o intuito de se fortalecerem frente à concorrência externa.

Dessa forma, as conclusões deste trabalho indicam a necessidade de revisão de alguns critérios das diretrizes básicas do processo de abertura comercial brasileiro, uma vez que uma ampla gama de mercadorias produzidas internamente estão sofrendo a concorrência indiscriminada de mercadorias proveniente de regiões ou países com diferenciais importantes de desenvolvimento tecnológico, ou países que mantêm mecanismos de proteção efetiva às suas respectivas produções internas.

A utilização de critérios na escolha de produtos que possam ser importados com isenção tarifária, o estabelecimento de quotas para importação, a criação de programas que visem preparar os setores internos mais vulneráveis frente à concorrência externa, assim como medidas mais amplas que visem recuperar e fortalecer o papel do Estado para que possa exercer, a exemplo do que ocorre nos países desenvolvidos, a função de defender os interesses nacionais, são iniciativas importantes no sentido de enfrentar as transformações recentes no cenário internacional.

No que se refere à vitivinicultura gaúcha e, conseqüentemente brasileira, pode-se argumentar que, se for mantida a tendência dos últimos oito anos para os períodos subseqüentes, pode-se esperar

um futuro incerto para o setor, podendo ocorrer a desagregação e até mesmo o desaparecimento da cultura vitícola da região, com todas as implicações de ordem econômica, social e cultural que isso representa.

Medidas como subsídios governamentais aos produtores vitícolas, maior investimento em pesquisa e desenvolvimento, restrições tarifárias temporárias e outras formas de incentivo são instrumentos que podem ser utilizados para o fortalecimento do setor para enfrentar a concorrência externa. Os custos monetários desse empreendimento representarão muito pouco se comparados com os custos sociais e culturais que podem representar o desaparecimento dessa cultura no âmbito das microrregiões e da região em que está inserida.

Referências Bibliográficas

EMBRAPA – CNPUV. Informações via disquete, referentes à comercialização de vinhos e derivados, processamento de uvas e importações e exportações vitivinícolas.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil – 1980 a 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1980/1996.

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, nov. 1997.

UVIBRA.União Brasileira de Vitivinicultura. Vários periódicos. 1990-1997.